

GÊNEROS TEXTUAIS E LEITURA

Fernanda da Silva Castro
fernandaestavanato@gmail.com

Jéssica Aparecida de Oliveira
jessica18aparecida@hotmail.com

Rafaela Aparecida de Almeida Medeiros
rafaela.medeiros22@hotmail.com

Maria Eduarda de Paula Costa
maiduds@gmail.com

Graduandas do curso de Letras da UFJF

Resumo: Este artigo pretende discutir e abordar o trabalho realizado com gêneros textuais na escola, bem como as práticas de leitura. Tal abordagem pretende fomentar a reflexão sobre como têm sido realizados tais trabalhos e, também, acerca da sua efetividade enquanto atividades fundamentais no processo de alfabetização inicial e continuada. Este trabalho também conta com relatos sobre acompanhamento de aulas em turmas de Ensino Fundamental e Médio, metodologia de pesquisa e resultados obtidos. Por fim, serão feitas considerações finais sobre todo o trabalho de campo desenvolvido pelo grupo de discentes, além do levantamento de questões que sugerem mudanças nos quadros observados em práticas de observação do espaço escolar.

Palavras-chave: leitura, alfabetização, gêneros textuais, planejamento docente.

1 Introdução

Escrever sobre práticas de ensino com gêneros textuais e leitura em uma sociedade considerada como “que não gosta de ler” constituiu um desafio. Desafio, porque se fez necessário buscar um campo em que a prática da leitura, suportada pelo uso dos gêneros, fosse efetiva e recorrente. Foi então que se chegou até o âmbito escolar. Novamente, outro desafio. Isso ocorre, porque se percebe algo contraditório ao que se espera: espera-se que, nas escolas, sobretudo nas aulas de Língua Portuguesa, atividades de leitura e escrita sejam regulares, com efetivo planejamento docente que contemple essas mesmas atividades. No entanto o que se observou, durante todo o tempo de pesquisa em salas de aulas para a produção deste trabalho, foi que muito pouco tem sido feito para a consolidação das práticas de leitura e do uso dinâmico de textos escritos nos mais diversos gêneros.

A apresentação dos relatos sobre as pesquisas de campo realizadas pelas discentes é resultado de trinta horas de observação em salas de aula de turmas de Ensino Fundamental e Médio. Tal prática se deu como obrigatória para o cumprimento de parte da disciplina “Saberes Escolares de Língua Portuguesa”, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (FACED/UFJF).

O objetivo deste trabalho é mostrar como atividades que envolvam leitura têm sido inseridas nas atividades regulares dos professores de língua portuguesa de algumas escolas estaduais do Estado de Minas Gerais. Além disso, foi elaborada uma pesquisa com alguns alunos de uma turma de 6º ano do Ensino Fundamental, a fim de que se pudesse observar sua fluência na leitura, bem como sua capacidade de decodificação, além do reconhecimento da cadência de textos escritos em gêneros distintos. Esse experimento foi considerado importante, uma vez que se entende que a desenvoltura de um aluno, mediante uma atividade de leitura, reflete o quanto ele está (ou não) inseridos nessas atividades e familiarizado com elas. A análise dos resultados obtidos, que serão mostrados posteriormente, permite refletir se, de fato, a escola tem contribuído para a formação de leitores efetivos (SARAIVA, 2001).

A pesquisa fundamentou-se em aplicar uma prática simples de leitura para alunos com idade entre 11 e 13 anos, regularmente matriculados no 6º ano do Ensino Fundamental. Foram apresentados dois textos. Um tratava-se de um poema infantil, de curta extensão e linguagem facilitada. O segundo texto consistia no trecho de um capítulo de um famoso romance brasileiro, também de curta extensão, mas que apresentava linguagem mais complexa e um denso ritmo prosaico. Os alunos selecionados para a pesquisa foram indicados pela própria professora de língua portuguesa cujas aulas foram observadas. O critério de escolha adotado foi a fluência em leitura que cada um dos alunos já apresentava corriqueiramente. Após uma primeira leitura para reconhecimento dos textos, era solicitado aos alunos que os lessem novamente, dessa vez com sua voz sendo gravada. Os áudio com as gravações foram apresentados para um grupo maior de pessoas, todos alunos da disciplina "Prática de Saberes Escolares", em ocasião de uma sessão reflexiva sobre o mesmo tema deste artigo.

A pesquisa contou ainda com uma segunda etapa que consistiu em solicitar aos alunos preencher um pequeno questionário. As perguntas foram elaboradas de modo a fazer com que os participantes expusessem sua opinião sobre a importância da leitura, dentre outras questões.

2 Observações e análises

As três instituições de ensino em que cada discente cumpriu suas trinta horas de observação fazem parte da rede estadual de educação. Foram

acompanhadas turmas de 6º e 8º anos do Ensino Fundamental e 3º ano do Ensino Médio.

Escola E.E.P.L (turmas de 6º ano do E.F)

Na instituição E.E.P.L, as observações contemplaram quatro turmas de 6º ano. A visão geral de todas as turmas (6M01, 6M02, 6M03 e 6M04) é que estão cheias (35 alunos em média) com, pelo menos, dois ou três casos de alunos repetentes.

As edificações da escola foram recentemente reformadas. Com isso, a instituição passou a contar com algumas instalações que antes não existiam, como a "sala de recurso", "proinfo" e "sala de multimeios". Respectivamente, esses novos espaços são usados atualmente para: reforço escolar exclusivamente para alunos dos anos iniciais (1º ao 5º ano), atendimento de alunos que precisam fazer segunda chamada de provas e uso da máquina de xerox por parte dos funcionários da secretaria e biblioteca. A "sala de multimeios" permanece integralmente fechada.

Durante as horas de observação, buscou-se acompanhar a metodologia adotada pela docente A.M no ensino de Língua Portuguesa. O único material utilizado foi o livro didático fornecido pela escola. No início das observações, os alunos estavam começando a estudar o gênero fábula. O texto apresentado pelo livro era intitulado "Assembleia dos Ratos". A professora dividiu o texto em partes, para que várias pessoas tivessem a oportunidade de ler. No momento de leitura coletiva, uma das principais dificuldades observadas foi com relação à pausa marcada pelos pontos finais. Muitos dos alunos que leram "atropelaram" períodos inteiros por não respeitar (ou reconhecer) a função desse sinal gráfico. Dificuldades com relação ao vocabulário, neste primeiro momento, não foram observadas.

No livro didático em questão, da coleção "Vontade de Saber Português" (FTD, 2012), no que diz respeito ao trabalho com o gênero fábula, é sugerida pelas autoras a seguinte definição:

(...) uma fábula, cujo principal objetivo é transmitir um ensinamento moral. A fábula, geralmente, apresenta como personagens animais, objetos ou forças da natureza, com características humanas (ALVES, BRUGNEROTTO, 2012, p.74).

Após essa breve definição, os alunos foram encaminhados para as atividades referentes ao texto que foi lido. Em nenhum outro momento da aula se observou uma discussão mais apurada sobre as características do gênero textual trabalhado. O que se considera mais alarmante a esse respeito, foi que as atividades que se seguiram estavam todas voltadas para a análise de aspectos gramaticais e interpretação de texto.

Como forma de pensar uma possibilidade de expandir e explorar o trabalho com a fábula, buscou-se respaldo teórico na definição do gênero estabelecida por Sérgio Roberto Costa:

Fábula (v. Conto popular, estória, história, lenda): sem entrar na discussão de outros conceitos de fábula, como, por exemplo, o dos Formalistas Russos ou as relações ou oposições com os conceitos de intriga (v.) ou motivo da Teoria Literária ou o conceito de *mythos* em Aristóteles, vamos nos ater ao clássico conceito de fábula que tem sua origem em Esopo (séc. VI d.C) e Fedro (séc. I d.C) e foi retomada, no Classicismo francês, por La Fontaine. Trata-se de uma narrativa (v.), quase sempre breve, de grande simplicidade e cujos personagens (muitas vezes animais irracionais que agem como seres humanos) não são de grande complexidade. Aponta sempre para uma conclusão ético-moral. É um gênero de grande projeção pragmática por seu claro objetivo moralizador e de grande efeito perlocutório, próprio dos textos narrativos, pois vai ao encontro dos hábitos, das expectativas e das disponibilidades culturais do leitor (COSTA, 2012, p.112).

O que o grupo pensou nesse momento foi numa proposta de aula em que a fábula pudesse ser trabalhada com o foco nas características do gênero, com uma posterior proposta de escrita. Tal proposta não pôde ser concretizada na escola, em virtude de a docente já ter planejado outra atividade envolvendo produção textual.

Agora, por que o interesse, tanto do grupo, quanto possivelmente da própria docente, de que os alunos dominassem o gênero fábula (ou qualquer outro)? Existe, pensando numa escala *macro* (situações extraclasse), alguma real necessidade de se ter esse tipo de conhecimento? Ou o domínio das peculiaridades de cada gênero é algo apenas trabalhado para se cumprir uma demanda curricular? Mais uma vez, recorreu-se à teoria como tentativa de responder a essas questões. Luiz Antônio Marcuschi argumenta: "Quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma linguística e sim **uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares**" (MARCUSCHI, 2012, p.29).

Considerando o argumento exposto acima, pode-se entender que o trabalho com os gêneros textuais na escola é uma ferramenta potencial para a participação em práticas letradas. Sendo assim, uma vez que é ínfimo o foco que é dado para o trabalho com os gêneros, entende-se que a competência para se comunicar através deles fica significativamente defasada.

Após um pequeno trabalho com as fábulas, a docente apresentou aos alunos outro gênero textual bastante conhecido: o conto. A metodologia utilizada pela docente, mais uma vez, permaneceu exclusivamente pautada nas orientações do livro didático. Dessa forma, não se observou qualquer diferença relevante nas atividades desenvolvidas com relação àquelas feitas com a fábula.

Colégio C.A (turmas de 2º e 3º anos do Ensino Médio)

O colégio pertence à rede privada de ensino. Sua estrutura física conta com dois departamentos: um que atende ao Ensino Fundamental e Médio, e outro, às turmas de pré-vestibular. As turmas mais cheias são as de 2º ano do Ensino Médio. O que logo foi considerado um fato preocupante é que o colégio não conta com uma biblioteca. Segundo o secretário responsável, a mesma está ainda “desmontada” e sem previsão de abertura.

As aulas de Língua Portuguesa no Ensino Médio têm como foco a preparação dos alunos para os vestibulares tradicionais e para a prova do ENEM.

No início do trabalho de campo, observou-se que o docente responsável trabalhava questões de gramática com os alunos, especificamente o pronome relativo preposicionado. As atividades que os alunos fizeram sem seguida, naquela mesma aula, foram elaboradas pelo próprio professor, com as correções feitas na própria sala.

Nas turmas de terceiro ano, o docente restringiu suas aulas ao estudo das características do texto dissertativo-argumentativo, modelo de texto cobrado nas provas do ENEM. Todas as competências exigidas para a realização desse tipo de texto foram minuciosamente esclarecidas, com o reforço das orientações dadas pelo “Guia do estudante”, da Editora Abril. Em todas as aulas, o professor elaborava uma proposta de redação, de modo a levantar as principais dificuldades existentes na hora de produzir o texto. As dúvidas, que apareciam gradativamente, eram solucionadas no conjunto da sala de aula e individualmente.

Foi importante perceber a exploração do texto dissertativo-argumentativo, justificada pela prova do ENEM. Isso porque, como já foi citado anteriormente, enxerga-se o uso do gênero extrapolando os limites da sala de aula. Como se sabe, a redação do ENEM é equivalente a um quinto do valor total da nota, sendo de produção obrigatória. Quer dizer, não se está mais diante de uma situação prototípica de aula de produção textual, em que o professor segue apenas as orientações de um livro didático e define atividades para serem feitas em casa, apenas para se cumprir com o conteúdo curricular. A proposta de redação nos moldes do ENEM permite que o aluno visualize a importância e o uso prático desse texto no cotidiano extraclasse.

3 Pesquisa em práticas de leitura

Nesta seção será descrita a pesquisa em práticas de leitura com alunos no sexto do Ensino Fundamental. Todo o trabalho foi acompanhado pela professora de Língua Portuguesa, cujas aulas foram observadas pelo grupo.

O método utilizado foi simples e o foco era o de observar como seria a desenvoltura dos alunos diante da tarefa de ler textos com linguagem e grau de cadência e dificuldade diferentes. No que diz respeito à metodologia, a primeira etapa foi a seleção de dois textos: o primeiro, um poema infantil intitulado "Zebrinha", de Wania Amarante; o segundo, o trecho de um capítulo do romance "O Guarani", de José de Alencar. Esses dois textos foram selecionados em virtude de se mostrarem bem heterogêneos, sendo o primeiro em poesia e o segundo em prosa, além de outras características divergentes. A princípio, a professora havia indicado apenas três nomes para participar do teste. Mas, para efeito da produção deste artigo, a atividade foi novamente realizada, dessa vez contando com a participação de todos os alunos das quatro turmas de sexto ano.

Após uma primeira leitura para reconhecimento do léxico dos textos, foi solicitado aos alunos que fizessem a leitura de ambos mais uma vez, sendo que desta última suas vozes seriam gravadas. O motivo da gravação se deu por se entender que seria necessário ouvir a leitura desses alunos para que se pudesse levantar os pontos de maior dificuldade na execução da atividade.

O quadro a seguir mostra, em números, a participação de cada turma no teste:

TURMAS	QUANTIDADE DE ALUNOS QUE FIZERAM O TESTE
6M01	30
6M02	34
6M03	26
6M04	31

Tabela1

Após todas as gravações serem ouvidas e analisadas, foi possível elencar algumas dificuldades mais pontuais que os alunos tiveram na leitura dos textos. O quadro abaixo mostra quais são essas mesmas dificuldades de acordo com cada texto.

LEITURA DO POEMA	LEITURA DO TRECHO DO ROMANCE
Respeito à presença de pontuação	Respeito à presença de pontuação
Reconhecimento da cadência do ritmo da poesia (leitura de cada verso como se fossem períodos isolados dentro do texto)	Dificuldade na articulação contínua de palavras grandes, como "imediatamente", "inteiramente" e "organizações"

Tabela 2

A partir das observações somente das leituras, entendeu-se que as maiores dificuldades encontradas pelos alunos para executar uma leitura proficiente estavam diretamente ligadas ao pouco ou quase nenhum hábito dessa prática. A crítica que se fez a isso, dentro do contexto da sala de aula, foi com relação à falta de um planejamento docente que incluísse mais atividades de leitura e outras práticas auxiliares para trabalhar também a oralidade.

Pensou-se ainda em uma segunda etapa de teste, em que os participantes deveriam responder a quatro perguntas, sendo elas:

- Você gosta de ler? Responda "sim" ou "não" e justifique (diga por que você gosta ou não de ler).
- O que você mais gosta de ler?
- Você acha a leitura uma coisa importante? Por quê?

- Você gostaria que houvesse mais aulas de leitura na escola?

Essas perguntas tiveram o intuito de saber, exatamente, o nível de importância que os alunos atribuíam às aulas de leitura, bem como se assumiriam ou não ter o hábito de ler. A tabela a seguir exemplifica duas entre as respostas dadas pelos participantes para cada pergunta:

VOCÊ GOSTA DE LER?	O QUE VOCÊ MAIS GOSTA DE LER?	VOCÊ ACHA A LEITURA IMPORTANTE? POR QUÊ?	VOCÊ GOSTARIA QUE HOUVESSE MAIS AULAS DE LEITURA NA ESCOLA?
Sim, porque eu gosto da minha voz lendo	Poemas	Sim, porque se a pessoa não souber ler ela provavelmente não achará um emprego	Sim, porque na escola seria legal ter.
Às vezes	Poema	Sim porque vai que na faculdade algum dia toma leitura	Sim para os alunos leia melhor.

Tabela 3

Diante do total de respostas colhido do corpus analítico, entendeu-se que, quando perguntados sobre a importância da leitura, a grande maioria dos alunos associa essa prática ao mundo exterior. Ou seja, de alguma forma, eles têm a consciência de que a leitura pode ajudá-los, posicionando-os de forma mais favorecida em oportunidades de emprego, por exemplo. A grande dificuldade que se observou, no que diz respeito aos participantes que apresentaram baixa proficiência, foi na pronúncia de palavras com encontros consonantais, como, por exemplo, “primeiras”, “idolatria”, “completamente”.

4 Considerações finais

Neste artigo, buscou-se relatar as experiências obtidas em sala de aula, nas escolas, a partir do cumprimento da prática de observação das aulas de Língua Portuguesa, com foco nas atividades de leitura e no trabalho com gêneros textuais. A partir dos resultados, em geral, de nossa pesquisa, pudemos refletir sobre a atual situação em que se encontram as aulas de português no que diz respeito ao assunto investigado pelo grupo.

A ausência de práticas mais efetivas de uso de diferentes gêneros textuais compromete o aprimoramento de outras competências linguísticas dos alunos. Competências essas que incluem o domínio da língua, tanto em práticas orais quanto escritas. Uma vez que há esse comprometimento, somado a uma falta de planejamento (docente e pedagógico) que preveja a reversão do quadro de baixa proficiência na leitura e na escrita, a realidade que se forma é a da não formação de leitores fluentes e críticos.

O que dizer especificamente das aulas de leitura? É possível aceitar que a disciplina Língua Portuguesa seja orientada somente pelo conteúdo dos livros didáticos, sem que o contato dos alunos com diferentes tipos de textos seja proporcionado por atividades que estejam além do que os manuais trazem? Outra questão relevante: seria o próprio professor de língua o grande responsável pela eficácia de quaisquer métodos que estimulem a prática de leitura? Ou seja, o professor é um agente mediador entre alunos e textos?

Quando propomos uma atividade com qualquer gênero textual, o que buscamos? Primeiro é preciso entender que ler, antes de mais nada, não é uma atividade gratuita, ela pressupõe objetivos, como afirma Delaine Cafiero:

Ler, portanto, pressupõe objetivos bem definidos. E esses objetivos são do próprio leitor, em cada uma das situações de leitura. (...) Quando trabalhamos a leitura na sala de aula, ajudamos o aluno a construir objetivos de leitura ou apenas o mandamos ler o texto? (CAFIERO, 2011 p. 87).

Ou seja, seguindo o raciocínio de Cafiero, estamos procurando formar leitores ou apenas nos importamos em reconhecer se os alunos conseguem, minimamente, decodificar as palavras?

Concluiu-se, portanto, que a urgência em rever o espaço que o trabalho com gêneros textuais e a leitura ocupam na escola é algo de extrema necessidade. E não se está pensando aqui somente nas aulas de Língua Portuguesa, mas em todas as outras disciplinas, pois é preciso entender que a leitura promove um profundo aperfeiçoamento das demais habilidades linguísticas.

Referências

- ALVES, R.; BRUGNEROTTO, T. **Vontade de saber Português**. São Paulo: FTD, 2012.
- CAFIERO, D. Letramento e Leitura: Formando Leitores Críticos. In: RANGEL, E. O.; ROJO, R. **Coleção Explorando o Ensino**. Brasília: Ministério da Educação, 2011. p 85-106.
- COSTA, S. B. **Dicionário de Gêneros Textuais**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- MARCUSCHI, L. A. **Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.
- MARCUSCHI, L. A. **Gêneros Textuais: Definição e Funcionalidade**.
- SARAIVA, J. A. **Literatura e Alfabetização: do Plano do Choro ao Plano da Ação**. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. São Paulo: Mercado das Letras, 2011.